

falta n.º 25, - 26, - 27, 28, 29
pp. 99/118

o Sr. Sr. B. ...

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO I.	Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 2000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo do Palácio n. 17.	NUMERO 30.
---------	---	------------

O DOMINGO.

MARANHÃO, 1.º DE SETEMBRO DE 1872.

Ainda uma vez um brado, moços!

Não escutaes ao longe um ruído confuso que ameaça prolongar-se, a pouco e pouco, nas camadas sociaes, e que sussurrando parece ir confundir-se em todas as direcções?

E' como o crepitar longinquo de um incendio. São as primeiras vibrações de um solo, onde ruge escondido um vulcão.

De espaço a espaço, e como tentando abafal-as, surge um écho differente. Esse é o grito das ambições que se degladiam. E' a gargalhada cynica das nobiliarchias corruptas na saturaal e na orgia, sacudindo o escarvão e a irrisão na face do povo, que dorme acorrentado, como o leão no circo.

Coragem portanto!

Para longe a indolencia do corpo! para longe o entorpecimento do espirito!

A estrella, que ha de luzir com deslumbrante fulgor, já lança por entre as brumas, nas orlas do horizonte, um tímido clarão.

FOLHETIM DO DOMINGO.

AS DUAS PRIMAS.

1

Rosinha era uma moça de dezeseis para dezeseite annos, e era proclamada de bella por todos que a viam.

Não quero aqui retratal-a porque a minha penna não tem a felicidade do pincel de Rubens para poder pintar a correcta belleza, o primor d'esse anjo de candura.

Sophia, sua prima e amiga, era tambem quasi bella como Rosinha; mas só quanto á belleza phisica; quanto á de sua alma, quanto aos dotes moraes—eram um verdadeiro contraste.

Rosinha, era meiga, terna, e ingenua. Era uma virgem que só sonhava com a natureza pura e singela. Os anjos a guiavão.

Sophia, porém, não possuia esses dotes tão preciosos em uma moça. Com outros pensamentos, não via o mundo cheio de tanta pureza como Rosinha.

Ou pelos mãos exemplos, ou pela falta de preceitos de uma sã moral, ou mesmo pelo seu genio, Sophia era uma d'essas moças que só pesam nos galanteios, nos elogios que lhes fazem certos leões da moda; era em somma, uma namoradeira.

A terra carece ser quanto antes cimentada, para que, ao sopro rijo do vento, não aconteça vacillar-nos o edificio do futuro.

Porventura não ouvis, ha muito, repercutir incessante nas fileiras da mocidade o retroar de um clarim?

E' um convite á rebate! Lançae os olhos e vede o espectáculo maravilhoso!

O novo prelio já não traduz—as feridas e o sangue, mas as alegrias da paz.

Os recentes arraiaes não apresentam mais a perspectiva desolante da confusão e do horror, mas da ordem e do trabalho.

Apagaram-se as divisas de morte: substituíram-se pela de—*Instrucção!*

Assim pois, como nos angulos da velha Europa bradavam: *A's armas!*—nossos antepassados;—brademos nós:—*A' Instrucção!*—com enthusiasmo e com fervor.

E' ella, *em* ella que teremos um dia o aperfeiçoamento da consciencia da humanidade.

Por ella na esphera politica—o dogma regenerador do martyr do calvario.

Por ella—a felicidade no seio da familia.

Por ella finalmente—a civilisação e o engrandecimento da patria, que nos abençoará a sorrir.

E se não fosse o excessivo acanhamento e a ingenuidade de Rosinha—amigas como ellas eram, vendo-se quasi sempre—os exemplos tão perniciosos de Sophia haviam de lhe ser terriveis. Mas, não succedia assim. Ellas eram amigas intimas, mas os modos e os genios, muito differentes.

Um dia, chegou Sophia alegre e faccira, como sempre, em casa de sua prima.

Chegaram-se as duas moças á janella, e houve a seguinte converso entre ellas, encetando-a Sophia.

—Sabes, Rosinha, eu estou muito certa de que sou formosa.

—Porque? perguntou-lhe ingenuamente Rosinha.

—Ora, tornou-lhe sua prima, não são dous nem tres—são muitos moços que o dizem.

—Os moços! ? balbuciou Rosinha cheia de enleio e de rubor—e elles dizem isso mesmo á ti?...

—Sim á mim... e o que tem?

—E' que me parece ser muito adiantamento...

—Adiantamento! Ora deixa-te d'ahi. Por dizerem que somos formosas, encantadoras, cheias de mil atractivos, não nos podemos offender; ao contrario, são elogios que muitas vezes devemos agradecer.

—Mas, Sophia, temos um pudor, um certo acanhamento natural á todas as raparigas ingenuas, que, esses elogios como te parecerem, offendem-nos, mesmo porque elles quasi sempre não são verdadeiros.

NOTÍCIAS DA PACOTILHA.

O leitor vai ler-me as notícias ao som da bulha dos wagons.

Viva o progresso!

A cidade está em movimento. Saudam todos com geral contentamento a suspicada inauguração dos serviços da companhia Ferro-Carris.

Dizem que se vai concertar o theatro.

O governo não podia obrar com mais acerto e mais justiça.

Recommendo a substituição necessaria do anachronico panno de bocca.

Já fallando a este respeito, disse no n. 10 deste periodico:

...quasi choro *censo marto e sem prestigio* o pobre panno de bocca do «S. Luiz», *victima cubelle* do pincel profano!

Se *Monticelle*, scenographo que o pintou, o visse, recuaria horrorizado.

Na verdade foi *peior a emenda que o aucto*; quizeram aviyar as cores e fizeram uma *caucaborrada*, (como lá se diz).

Monticelle, tu te espantas,
Teus toques vendo horrados,
Tem toldados côr de plantas,
E plantas—côr de toldados!

E as peças do baluarte? reparem os frequentadores do «S. Luiz», e dir-me-hão se não se parecem com poulas de charutos, ali deixadas por esquecimento!

Portanto é preciso fazer daquillo—coisa decente—e digna de nós e dos nossos hospedes.

A missiva do Sr. M. M., que abaixo publicamos, trata, entre outras cousas, do relógio da Cathedral que marca ha tanto tempo seis e meia!

—E's muito tôla, minha terra Rosinha, Não sei o que esperas. Já deves ter ouvido dizer-se que—a senatoria da mulher é o casamento. Pois é o que ambiciona. Esses teus modos de suprema pureza, de certo farto com que liques para tia.

—Pois deixa. Sempre poderás contar em mim com uma amiga muito sincera; mas nunca disposta a seguir teus exemplos. Seja pelo genio, seja porque fôr, eu acho muito feios os teus modos.

—Feios?!

—Sim, feios... tu só fallas em moços, em seus galanteios, em namoros...

—Pois, minha pudicasinha, são estes os prazeres e os gozos de nossa vida.

—Seja da tua: da minha são os meus livros, o meu bordado e os passeios que dou com o meu papa.

—A que limite chegará elles!

—Pois eu acho que não são poucos.

—Está bom, minha santinha, dize-me agora—não te queeres casar?

—Para que essa pergunta?... balbuciou Rosinha, corando e baixando logo os olhos, como se a interogação fosse feita por algum pretendente á sua mão.

—Para cousa nenhuma, tornou-lhe Sophia; quero só que me respondas francamente.

Contam uma anedocta de um doido que andava nu, com uma peça de panno ás costas para ver em que paravam as modas; os ponteiros daquelle relógio parece que pretendem ver tambem em que param... as horas.

Foi, e ha de ser sempre a nossa terra o paiz da desigualdade!

Desembarcou um amigo meu de certo vapor e suas bagagens foram, pelo empregado encarregado de revistal-as, remeclidas com muita minuciosidade, ao passo que alguem, apenas por trazer um *filulo* debaixo do braço, foi agraciado pelo dito empregado com esta *aristocratica* amabilidade:

—«Oh! oh! V. Exc. pode passar... Essa é boa!

Em que terra estamos? O que é feito da *liberté, égalité et fraternité*?

Que o digam os bajuladores e... É melhor estar calado.

Deixamos de dar mais algumas noticias para dar espaço a

MISSIVA.

I

Desenfreado o progresso

Neste amavel Maranhão

Vai derrubando o regresso,

Pondo-o de ventas no chão.

Quem diria! não é crível

Que o S. Luiz, tão novato,

Se revestisse do ornato,

Com que agora se apresenta.

Tantas cousitas de arromba!

Até já tem *luxambomba*...

(*Aparte do Sr. Tiburcio:*)

Pelas ventas!

—Pois se não é para nenhum fim máo, digo-te que, presentemente, não tenho essa vontade, tu bem sabes que isso nos é muito natural...

—Então, respondes affirmativamente?

—Sim... seja...

—Pois bem. Eu tambem, como já te disse, é essa minha vontade. Vamos a ver de nós ambas que desejamos nos casar qual prende primeiro o seu futuro; se eu; com os meus modos feios, ou tu, com os teus bonitos.

—Orn, eu não accetto essa provoação... respondeu-lhe Rosinha ainda mais enleada.

—E porque não? Tens medo de perder? tornou-lhe Sophia; entretanto, seja por tua vontade ou não, eu te atiro a luva, e veremos quem de nós virá primeiro perguntar á outra qual tinha os modos mais feios; pois os homens são os mais competentes para decidir-o.

—Mas eu não quero...

—Embora, quero eu!

—Pois, então... está dito; mas lembra tambem que eu ainda não quero privar o meu bom pae da minha companhia, que tanto lhe apraz, não quero casar-me.

—Eu nada tenho com isso: elle não precisa dos teus carinhos.

(Continua).

A. Brito.

II

Deste mal eu bem presumo
Ver tudo contaminado,
E aqui— neste resumo—
Vou mostrar se penso errado.
Pelos altos eu começo:
Da Cathedral o relógio
Já mostra o seu necrologio,
Teve uma morte bem feia!
Olhando para o sineiro,
Foi seu adeus derradeiro...
(*Aparte do Sr. Tiburcio:*)
Seis e meia.

III

Agora mesmo o *Paiz*
Nos diz que d' de S. João
Morrendo está por um triz
De uma forte indigestão!
Vinte minutos de mais
Comeo elle n'um só dia!
Disto veio-lhe grande azia,
Que o poz em má estado.
E tão mal elle se sente
Que tem ficado dormente...
(*Aparte do Sr. Tiburcio:*)
E atrasado.

IV

E outras cousas que taes
Mais torradas que pipocas...
Fortes que não dão signaes,
Que vivem a criar minhocas,
Que só servem de espectáculo
E de riso ao estrangeiro,
E para esgotar dinheiro,
Sem darem nenhum serviço,
Nem sequer havendo briga,
Servem elles p'ra uma—*fuga!*
(*Aparte do Sr. Tiburcio:*)
Nem p'ra isso!...

V

Temos barea de escavar,
Mas se existe escavação,
Eu não sei onde é o lugar...
No porto eu creio que não.
Pois se tal lá existisse,
Navios escangalhados
Não ficavão e encalhados,
Como sempre estão se vendo,
E o thesouro, coitadinho...
Vai soffrendo caladinho...
(*Aparte do Sr. Tiburcio:*)
Vai soffrendo.

VI

Sem nutrir uma esperança
De lhe vir um paradeiro,
Que, terminando a marmoaça,
Faça augmentar-lhe o dinheiro;
Pois se as cousas não mudarem,
E a seguir-se essa derrota.

Brevemente *bauca-rola*
Fará elle; até eu juro
Que se não houver augmento,
O debito no vencimento...
(*Aparte do Sr. Tiburcio:*)
Dará furo.

VII

E se der nada admira!
Ide á terceira secção,
E vereis s' isto é mentim.
Se avango falsa asserção,
Não fallo dos empregados...
Eu não posso é tolerar
Ir-se os impostos pagar
E levar-se tantas vezes
Por um... *coffo* de feijões
Aleo de muitos *carões*...
(*Aparte do Sr. Tiburcio:*)
Quatro mezes!

VIII

Da Policia e dos Fiscaes
Cansado estou de fallar.
A' males que são mortaes
Não ha remedios p'ra dar.
Por toda a cidade o lixo
Se encontra em tulhas, em montes,
Nem se quer poupão as fontes...
O Ribeirão mette medo,
Tem capim, *coffos* de cisco
Que em ruina dão sem risco...
(*Aparte do Sr. Tiburcio:*)
Um penedo!

IX

A cousa não está p'ra graça,
O namoro anda bem mau,
Leva-o a gente por chalaça,
E o resultado é um... páu,
Eu que vi... (cala-te bocca,
Olha a culpa no cartorio!)
Aquelle moço simplorio
Lá ao pé de um chafariz...
Não quero ter mais namoro
E' melhor guardar o couro...
(*Aparte do Sr. Tiburcio:*)
E é mais feliz.

M. M.

Até domingo: agora e sempre, vosso servo hu-
millissimo

O Domingos.

EM ARTIGO DAS MINHAS IMPRESSÕES DE VIAGEM.

PAGINA INTIMA.

(Vol. o n. 25.)

De longe, pela prôa do navio, o penedo que se ergue entre dous mares, destendendo seus negros braços de pedra, acenava com meneios de quem quer atrahir; e o vapor fugia, deixando apoz si um sulco branco, e espumoso.

Então eu lancei-lhe os olhos atidos de uma lagrima, e pareceu-me ver a flor das águas anidadas, que lhe beijavam as plantas, clusma risonha de nymphas salitrosas, erguendo, e mergulhando as frentes candidas, e formosas, e entregando as lufadas do vento, as roupas de alvura deslumbrante, sombreadas pelas tranças sedosas de seus dourados cabellos!

Maculumim! As crenças populares, melhor que o nauta, que desvia cauteloso a prôa de seu navio de sobre teus perigosos escolhos, as crenças populares eternisaram teu seio ondoso, e palpitante.

O encanto de que te revestiram, as raças primitivas, as raças indígenas, que hoje se vão bem longe de nós, se prende a todas as lendas nacionaes, predomina ainda hoje poetica, e mysteriosa como a superstição de todos os povos, e ha de passar com o mesmo prestigio as gerações porvindouras.

Ah! quantas recordações se prendem a ti!

Maculumim!... Recordações desses tempos que tres seculos e meio, ainda não puderam esquecer;—recordações dessas raças bellicosas, de character allivo, de sentimentos nobres, e elevados...

Na destra o arco retesado pela flexa,—na cinta a aljava;—o ardor no coração,—nos labios o canto rude do guerreiro, eis-os... sem temor da morte, em campo raso, vertendo sangue por cada povo, e investindo sempre com redobrado valor;—porque esse sangue derrama-o pela sua liberdade!

Livre como o passaro, ou como o ar—esse sangue vai consolidar a sua independencia, e o seu direito.

E depois na paz nauticos destemidos, e ousados, ao doce suspirar da brisa, ou ao ronco medonho da procella, lá o verieis na ligeira piroga cortando mares agitados.

Então não era já o canto do guerreiro que o indio modulava,—era uma canção sonora, como gemido de viragem matulina. De seus labios fugiam, e hiam perder-se na vastidão dos mares notas agudas;—as vezes acentos de dulcissimas harmonias.

Meu coração desperto pelas saudades de um «adeus»—buscava estas recordações,—e depois recalhia em penoso seismar.

De repente eu exalei um gemido:—minha alma vouu aos olhos.

Essas praias... eu as via, e contemplava com a curiosidade de quem nunca as havia visto.

E o navio corria, corria sempre. Meu Deus! meu coração confrangeo-se;—a dor tão eruscitante pareceu-lhe quebrar as fibras. Elle não soltou um ai; mas no imo gemeo um gemido doloroso que só lhe esentaram as auras, que adejavam alem, nesses bellissimos lugares onde um dia a vida me sorrio, e que ora só me pedem lagrimas, e suspiros.

Terra esteril, e poerenta! embalde hei banhado teu seio com lagrimas de tantos annos...

Ah! o que então senti, não podem exprimir labios humanos.

Ponta de um ferro agudo que me penetrasse o seio;—echo dorido partindo das soldões da terra; a me internar na alma;—phantasma tetrico, hirto, e medonho a me acenar p'ra o tulumo, não produzia em mim o que então senti.

Não, não despertaria em minh'alma tantas dores, como me despertou essa terra silenciosa, que lobriguei primeiro que outrem na extremidade dessas vastissimas praias arenosas, onde a alcione geme seu gemer saudoso, como o nauta longe da terra, onde ficaram seus poeticos amores;—onde a onda se arremessa ora marulhosa, e fremente, ora mansa beijando namorada a planca da praia solitaria.

Não, eu não sentiria tanto.

Sim,—na extremidade dellas, essa terra, a quem liguei meu coração... terra dos meus dourados sonhos de poesia,—terra, onde eu quizera,—misera de mim! exalar meu ultimo suspiro.

Mas, eu a vi apenas.

Pallida, debruçada sobre a corrente impetuosa, parecia uma flor desbotada, que o arlar das vagas arremessa sobre a encosta solitaria.

Contemplei-a com a alma; melhor que com os olhos.

Ah! havia agonia intima, nessa intima contemplação.

Ella desdobrou-se inteira a meus olhos... ora a virgem seismadora nas ribanceiras do mar,—era a recordação viva de meus poeticos devaneios...

Parece-me que me destendia os braços em transporte de angustioso pranto, e com voz languida, e dolorosa me dizia:—Vem.

Vem gemer sobre meu seio, esse gemer de rola moribunda na solidam das florestas...

Olhei-a... era ella... a mesma que outr'ora eu sandára com um sorriso jubiloso!

(Continua.)

Maria Firmina dos Reis.

MARIETA.

PAGINAS 211 LIVRO.

A António Xello.

(Vem do n.º 20.)

II

Risonha e festiva se nos apresentava a cidade de ***, dominando com seus ares de princeza o Oceano em furia, que mansamente se quebrava, se vinha beijar as fimbrias de sua rendada saia, as danas atvejantes que orlavam a salitrosa costa.

Mais nos iamos appropinquando, mãos soberbo era o painel que se desenrolava a nossos avidos olhares:—aqui, as rudes cabanas de pescadores e jangadeiros; ali, o reboliço mais ou menos animado do commercio da capital; além, como fechando os horizontes, as serras tão altas, quanto ferteis cobertas de neve e de vegetação!

Completamente absorvido nos caprichos da mão natureza, na contemplação d'aquelle espectáculo extraordinario a meus olhos, senti im-

mediatamente um peso sobre o coração e duas lagrimas me rolaram pelo rosto abaixo.

Scipião, cuja patria de tanto lhe era devedora, exclamou n'um momento de desespero que a ingrata não lhe possuiria os ossos; eu, ao contrario mais egoista e menos generoso, perguntei a meu peito, apontando o meu torrão natal:—*cur, patria amica, non possidebis ossa mea?*

—Larga! ecoou n'este momento de pôpa à prôa, arrancando-me d'estas suaves meditações.

E acompanhada pelo ranger de grossas correntes, a ancora do navio foi tocar no fundo do Oceano.

Tinhamos chegado ao termo de nossa viagem.

Depois da visita de saude do porto, guarda-moria, etc., fomos, eu e os demais passageiros, demorados á instancia do commandante do vapor, para almoçar a bordo.

De facto, ás nove horas do dia, foi-nos servido um succulento almoço, a que não faltou o classico e familiarissimo *Bordeaux*.

Já lêste as *Lendas e Canções* e as *Scenas populares* do Juvenal Galeno? Amante, como és, da litteratura brasileira, é bem de suppor que já o tivesses feito e portanto poupo-me ao trabalho de explicar-te o que é uma *jangada*.

Depois do almoço, mettemo-nos n'uma e após alguns minutos de uma viagem commoda, desembarcamos.

Separamo-nos em direcções oppostas.

Eu dirigi-me para o centro da cidade a procura de um *Hotel*.

III

Havia quinze dias já que eu estava hospedado n'um dos hoteis de * * *.

Conheces perfeitamente o meu genio jovial e folgasão; isto foi bastante para, n'este curto espaço de tempo, fazer com que me relacionasse com muitos rapazes de boa sociedade; recebia muitas visitas e fazia outras tantas.

Depois, a vida descuidada que se leva n'um *Hotel*, a conversação sempre a girar sobre variados assumptos, o peso das opiniões, etc., tudo isto concorre para fazer dos hospedes um nucleo de familiaridade a toda prova.

Uma tarde, serviam-nos de caffè, quando a conversação, até então toda politica, tomou um caracter puramente ridiculo.

De facto a politica de nosso paiz deve marchar sempre de par com o ridiculo o mais grosseiro; mas tal não aconteceu n'esse caso; veio á baila o jogo-serio, a satyra que diverte mas não esmaga.

—Não deixaste alguma paixão lá por tua terra? perguntou um dos circumstantes, dirigindo-se a mim; noto de conjuncto com esse teu todo folgasão uma tristeza intima que resalta dos teus sorrisos descuidados.

—Ora, porque não? quando se é rapaz, deixa-se sempre uma conquista por onde quer que se passe; respondeu um velho capitão de marinha, que mais arredado de nós levava o seu egoismo a ponto de querer tomar caffè, ler e fumar ao mesmo tempo.

Noto, amigo, que não te descrevo o retrato de todos estes personagens, pela razão de viverem ainda e não ser meu fim o querer mettel-os a ridiculo, como talvez lhes pareça.

—Apôsto, continuou o discipulo de Newton e de Jean Bart, que quando se retirar d'esta terra, deixa nada menos de trez apaixonadas?...

—Não! disse eu abanando a cabeça, e dando por satisfeitas as duas perguntas que se me fizeram.

(Continua.)

Lima Baratta.

A. V. Cantanhede.

ILLUSÕES.

1ª amor.

Era n'uma festa de arraial.

Eu a vi—languida, pallida e scismadora. E' impossivel encontrar nos livros ou no mundo mulhier que mereça a honra de ser comparada com ella.

Aquella belleza é indiscriptivel! Imaginem uns olhos e cabellos negros, que a natureza collocou esmeradamente n'uma cabeça que seria invejada pela Mignon de Goethe, se não fosse a Mignon um ideal da phantastica imaginação do grande poeta.

Imaginem um rosto meigo—fornoso e sympathico e poupem-me o trabalho da descripção.

Eu passava e—defronte della—estacionava como se uma curiosidade qualquer me attrahisse os sentidos. O povo acotevelava-me, arredava-me, zombava da minha posição, e eu—em muda contemplação—não dava accordo de mim. Parecia-me que eu e ella eramos os unicos romeiros daquelle festa; era só nosso o mundo: ninguem mais existia!

Quando ella retirou-se, parecia-me o largo completamente vazio; faltavam-me aquelles olhares magicos que me haviam despertado o coração adormecido á sombra da descrença.

Retirei-me machinalmente.

Deitei-me, depois de acender o meu caximbo. Sobreveio a insomnia: por entre as densas nuvens do fumo, a imagem della apparecia-me risonha, affavel e seductora.

Sempre ella!

Encontrei-a n'um baile. Que felicidade!

Aproximei-me della pallido, tremulo e receioso.

—«Uma valsa, minha senhora.»—foram as minhas unicas palavras, ditas com uma voz supplicante e abafada.

Foi satisfactorio o despacho: dei-lhe o braço e pouco depois atiravamos-nos valsando aquella multidão de loucos.

A valsa, a valsa dos allemães, o escandalo dos salões, a loucura, o delirio, o prazer vertiginoso dos bailes aproximou-nos; durante um quarto de hora eu tive o precioso direito de comprimit-a contra meu peito, caricial-a com um olhar e adoral-a até a simples distancia de um... beijo.

(Continúa)

A. A.

• oiro.

Teu nome ouvi cantar; perdôa, o nome,
Perdôa o teu cantar!
Dignos de ti não são meus fracos hymnos,
Mas são hymnos d'amor,
A. Herculanô.

Não quero mais ser poeta
De ninharias de amor,
Chóchos versos sem sabor,
Que ora conheço ser poeta!
O' musa, outro rumo busca,
Outro assumpto mais fagueiro,
Mais solido e verdadeiro;
Novo modelo aos teos cantos!
Musa, ri! Basta de prantos!
Vamos cantar o dinheiro!

Como te vejo risenha
De fogo passando a gelo,
Qual de horrivel pesadelo
Desperta a moça que sonha!
Musa, que pouca vergonha!
Tu, que do teu coração,
Todo amargura e paixão,
Somente prantos vertias,
Sob as fibras escondias
A mais bella inspiração!

Por certo não é desdouro,
Quem já muito tem cantado
Soltar um canto inspirado
Pelas magias do oiro!
E ninguém me venha ao coiro
Por eu cantar o que sinto!
E' d'alma que penso e sinto!
Out'ora fui bandoleiro,
Hoje idolatro o dinheiro,
E fallo serio e não minfo.

O' precioso metal
Que no mundo todo imperas,
Que com o toque regeneras
O coração de um mortal,
Do modo mais natural!
Eu que pensava tão mal,
Já hoje penso melhor!

Tens muita força, dinheiro!
Fizeste de um bandoleiro
Teu constante adorador.

Sem ti se não move a guerra,
Só de ti provem a paz;
Sem ti, que goso nos das?
Não ha prazer sobre a terra!
Tudo se alegra, ou se aterra
Com o teu aspecto jocundo!
Tu torces as leis do mundo!
A' quem te possue, das tudo!
Tino ao tóto, voz ao mudo,
Ao fatuo saber profundo!

Fazes do torto direito,
Dás pernas ao alojado,
E ao fraco itabelle soldado
Nutres coragem no peito;
A' tudo, a' tudo das geito!
Tornas verdade a impostura!
Tudo o teu contacto apura!
E aposto que no porvir
Has de por fim descobrir
Do circulo a quadratura!

Nada ao dinheiro resiste;
Onde quer que elle apparece,
Tudo brilha e resplandece,
Fica alegre quem está triste;
Só nelle o prazer consiste;
Ao vê-o o pobre suspira,
Pega o poeta na lyra,
E, canta até que enronqueça!
De si o vate s'esquece
No goso que o oiro inspira!

Do dinheiro a realisa
Não pode o mundo negar;
Pois chega até a muñar
Das coisas a natureza;
Quem o tem, não tem fraquesa;
Si falta—é o Deus da eloquencia
Si d'outro corre,—é prudencia,
Si acaso treme, é nervoso;
Si é namorado, é dengoso;
Té d'elle foge a demencia.

Mas eu, que te canto, e rendo
A' ti devida homenagem,
Que ao ver-te sinto a voragem
Do prazer no peito arduado;
Que aos teos encantos me prendo
D'alma com todo o fervor,
Não tenho, ó desgosto! ó dor!
Na bolsa, um real si quer!
Si o tivesse, sem demora,
Comprava beijos agora
Da mais bonita mulher!

Phocphilo de Mesquita.